

**(In)Visibilidades em Disputa:  
Da Engenharia ao Comércio da Construção Civil  
na São Paulo de Ernesto Dias de Castro<sup>1</sup>**

Carlos Thaniel Moura  
Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História  
Universidade Federal de São Paulo  
carlosthaniel@gmail.com

**Resumo:** As trajetórias profissionais de engenheiros e arquitetos constituídas ao longo das últimas décadas no Brasil, no que tange à produção historiográfica, contribuíram para o processo de se compreender a cidade em suas mais diversas escalas, fontes e diálogos com outras áreas relativas aos estudos urbanos. Ao estudar a história da cidade podemos notar que esta é composta também pelo desenvolvimento de processos no desenho urbanístico, passando pelas esferas públicas e privadas, abordando conflitos de interesses na construção de uma cidade. Para compreendermos o processo de urbanização de São Paulo é de extrema importância que analisemos o papel de profissionais que desempenharam as mais diversas funções, uns mais visíveis do que outros. Nesse sentido, dos profissionais da engenharia, notoriamente pertencentes a um círculo privilegiado, até aos trabalhadores que ocuparam o chão de fábrica, percebemos no comércio da construção civil, atores sociais no anonimato da História. Dentre estes, apresentamos o engenheiro politécnico, Ernesto Dias de Castro (1873-1955), que apesar de partícipe de uma elite, esteve nas entrelinhas da história urbana de São Paulo. Sua formação contribuiu para a inserção em diversas áreas da construção civil, o que nos permite entender sua articulação com os trabalhadores, imersos nas invisibilidades da produção das cidades. Sendo assim, a memória de Dias de Castro não foi atrelada aos ilustríssimos profissionais de sua época, por permanecer nos bastidores. Todavia, Ernesto de Castro, como foi possível averiguar nos diversos registros de sua atuação na cidade, revelou-se ser um dos

---

<sup>1</sup> Esta comunicação faz parte da pesquisa de mestrado, “*Engenharias Discretas*”: *Ernesto Dias de Castro e a formulação de redes sociais, comerciais e profissionais em São Paulo (1895-1955)*, com fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, processo 2018/05032-1.

responsáveis em promover o comércio da construção civil na cidade de São Paulo. A casa comercial de importação, Ernesto de Castro & Cia., onde por mais de meio século esteve na direção, contribuiu para a edificação da cidade e o mercado de materiais da construção civil. Analisando suas articulações no comércio, como na própria Associação Comercial de São Paulo, percebemos outros caminhos que a engenharia proporcionou a este gaúcho trilhar pelo território paulista. O estudo deste engenheiro, a partir de suas conexões institucionais e comerciais, o qual esteve diretamente ligado ao canteiro de obras na cidade, revela também os profissionais e trabalhadores do setor terciário invisibilizados pela historiografia.

*Palavras-Chave:* Engenharia; Urbanização; Construção civil, Ernesto Dias de Castro; São Paulo

## **Introdução**

Posto o sujeito como um dos principais objetos na produção da Nova História a partir da década de 1970, a *escrita da vida* de uma pessoa é, para muitos, um desafio de grandes proporções. Embates entre esfera privada e esfera pública, muitas vezes, levam investigadores a suprimirem uma dessas faces da vida de atores sociais em estudos históricos. Esta apartação, pode, em termos metodológicos, levar a justificativas que evocam um maior cuidado e uma narrativa mais contida, em muitos outros casos revelam artificialidades para com a dinâmica e as ações desses atores sociais. A historiografia recentemente vem adotando uma nova ênfase tanto para a construção de biografias, quanto para a compreensão de fatos históricos.

A biografia traz do macro para o micro fatos despercebidos em abordagens historiográficas tradicionais. Esta mudança de escala descortina aspectos importantes da vida urbana, apresentando a cidade como um campo de percepção e como objeto pelos agentes históricos biografados. Como a cidade é fruto da ação humana, a biografia fornece elementos de compreensão da organização do urbano de maneira privilegiada, levando a uma compreensão menos pré-formatada em termos analíticos, e mais voltada às multiplicidades de forma, agentes, espaços e técnicas verificadas em sua formação.

Muito se criticou acerca do gênero biográfico aplicado à história, pois era sinônimo de uma dinâmica em que a projeção de uma figura ilustríssima era modelo e inspiração para a sociedade, levando às celebrações de figuras da elite. Hoje, contudo, já encontramos uma perspectiva que tenta entrelaçar a história-problema com o gênero narrativo da biografia. Benito Schmidt, neste sentido, indica:

Entretanto, outros historiadores – com o uso de muita criatividade na localização e leitura de novas fontes ou na releitura de documentos conhecidos – têm conseguido iluminar as vidas de indivíduos comuns, de populares. Isso vem ocorrendo sobretudo por inspiração da micro-história italiana (Ginzburg), mas também em alguns trabalhos de historiadores franceses (Vovelle; Corbin, 1985, 1998). (SCHMIDT, 2003, p. 67)

Schmidt ainda diz em outro artigo, a importância de se entender os estudos sobre biografia como diverso, justamente para compreender outros caminhos dinâmicos para a história dos movimentos sociais e indivíduos pertencentes às camadas populares:

As já referidas inspirações da micro-história italiana e da “história vista de baixo” britânica motivaram diversos historiadores brasileiros a biografarem indivíduos pertencentes às classes populares e a outros grupos excluídos socialmente. Assim, por exemplo, alguns pesquisadores examinaram os percursos de militantes brasileiros ou estrangeiros que atuaram no Brasil, ligados às primeiras correntes que animavam o movimento operário nas últimas décadas do século XIX e primeiras do XX, como o socialismo, o sindicalismo e o anarquismo. Tais estudos evidenciaram que a militância não pode ser compreendida apenas por referência às ideologias formalizadas e aos “níveis” de desenvolvimento socioeconômico, pois resulta de múltiplas experiências públicas e privadas, de inúmeras relações sociais e de incontáveis influxos culturais. (SCHMIDT, 2011, p. 202-203)

Alinhado à essas variadas trilhas percorridas pelo indivíduo a ser biografado, tomamos as reflexões de Rodrigo Santos de Faria para destacar a biografia profissional como uma estratégia historiográfica importante, em especial para o crescente estudo de engenheiros, arquitetos e urbanistas na história das cidades:<sup>2</sup>

a vida contém a trajetória profissional, que está contida na biografia, mesmo não sendo a vida em si, mas parte dela. Até porque ninguém nasce atuando profissionalmente, mas são percursos da vida pessoal que geralmente informam sobre a contínua construção profissional desde a formação acadêmica. E mesmo essa construção profissional (do objeto) não pode mais

---

<sup>2</sup> A respeito da produção acadêmica sobre as áreas de arquitetura, urbanismo e história, verificar em CERASOLI, J. F.; CARPINTÉRO, M. V. T. A cidade como história. *História. Questões e Debates*, v. 50, p. 61-101, 2009.

que informar sobre as possibilidades e alternativas a quem empreenderá (o biógrafo) o ofício da escrita biográfica. Tanto é assim que as possibilidades e alternativas estão no documento, e pelo documento o autor-biógrafo delinea na sua trajetória interpretativa. (FARIA e CERASOLI, 2014, p.64)

Para Faria não é possível dividirmos a vida de uma pessoa em duas “partes”, isto é, escrever sobre sua vida profissional e deixar de lado sua vida pessoal (FARIA, 2013, p. 14). São inerentes a qualquer ser humano as diversas facetas de sua vida cotidiana. Portanto, para o autor, ao analisar a vida de um profissional, o termo correto seria *biografia profissional* e não *trajetória profissional*. Pierre Bourdieu, em estudos anteriores ao de Faria, já demonstrava essa articulação entre o público e o privado na investigação acerca de personagens, e questionava a produção do biógrafo apenas para a “apresentação oficial” do retratado, e, portanto, produzindo uma distinção quando não se diz respeito às transformações que o regem em seu espaço social e pessoal (BOURDIEU, 1996, p. 188-189).

### **Um politécnico no comércio**

Partindo para uma análise pessoal dos sujeitos históricos e suas conexões na sociedade, seguimos com uma breve biografia de um engenheiro civil que ingressou em várias frentes de negócios da construção civil.

Em Bagé, município do Rio Grande do Sul, no ano de 1873 nasceu Ernesto Dias de Castro, filho de Pedro Dias de Castro e Elibia Antunes Maciel. Coursou a Escola Militar do Rio Grande do Sul aos 17 anos e durante um período de aproximadamente cinco anos, o jovem Ernesto, esteve ligado a escola militar, passando pela Revolução Federalista (1893-1895), o que levou ele ser transferido para Montevideo, e só passado o conflito, regressou ao Estado.



*Fig. 1. Fotografia de Ernesto Dias de Castro recortada de composição representativa dos comerciantes paulistas, c. 1913.*

*Fonte: Lloyd, Reginald (dir.) Impressões do Brasil no século Vinte: Sua Historia, Seu Povo, Commercio, Industrias e Recursos. Londres: Lloyd's Greater Britain Publishing Company, 1913.*

Terminado o conflito, no mesmo ano de 1895, não se sabe quais foram as motivações que levaram o jovem Dias de Castro migrar para o Estado de São Paulo, e na capital se matricular no curso de Engenharia Civil da Escola Politécnica; provavelmente o financiamento para seus estudos e sua permanência em São Paulo no primeiro ano possa ter vindo das finanças da própria família no Rio Grande do Sul, pois o pai ocupava o cargo público de administrador da mesa de rendas do município de Bagé.<sup>3</sup>

Passados quatro anos, a primeira turma do curso de Engenharia Civil da Escola Politécnica de São Paulo compareceu para a cerimônia de colação de grau, sendo esta composta por Ernesto Dias de Castro, Carlos Kiehl, Francisco de Paula Ramos, Antonio Cerqueira Cesar, Mario de Campos, Eduardo Kiehl, Francisco de Godoy Moreira e Costa, Aureliano Ignacio Botelho, Francisco Octaviano Teixeira de Almeida, João Moreira Maciel.<sup>4</sup>

Ao se matricular na Escola Politécnica em 1895, Dias de Castro já contava como um prestador de serviços para o município como engenheiro condutor na Comissão de Saneamento em 1895. Esta pode ter sido outra fonte de renda que o permitiu cursar os quatro anos do curso de engenharia civil e se estabelecer na cidade.

---

<sup>3</sup> A Federação. Rio Grande do Sul. 21 de dezembro de 1889, p. 2.

<sup>4</sup> Correio Paulistano. São Paulo. 25 de junho de 1899, p.1.

Nos Relatórios de Prefeitos da cidade de São Paulo para o ano de 1899, há registros de que ele passou a ser funcionário público, atuando no cargo de segundo engenheiro, sob a direção de Victor da Silva Freira na Diretoria de Obras. Ainda ocupou o cargo de professor do Ginásio da capital na cadeira de Geometria e Trigonometria, se aposentando da função em 1923.<sup>5</sup>

Ainda no ano de 1899 foi realizada a união entre Ernesto Dias de Castro e Lúcia Lacaze Ramos de Azevedo, numa cerimônia de casamento no mês de dezembro daquele mesmo ano.<sup>6</sup> Os filhos do casal foram, o primogênito, Ernesto Dias de Castro Filho e Laura Dias de Castro.



**Fig. 1.** Casas geminadas que pertenciam às filhas de Ramos de Azevedo, situadas à Rua Pirapitingui, 141 e 159. Primeiro endereço do casal Ernesto Dias de Castro e Lucia Azevedo Dias de Castro.

**Fonte:** Carlos Moura, 2014.

O desligamento do seu cargo na diretoria de obras ocorreu no ano de 1903, quando firmou sociedade com seu sogro, Francisco de Paula Ramos de Azevedo, que já operava na administração da empresa *E. P. Bueno & Cia*, casa comercial de importação de materiais para a construção civil, que veio a ser substituída para a nova razão social: Ernesto de Castro & Cia, com a entrada do mais novo sócio.

A casa comercial passou a funcionar na Rua do Rosário num edifício com térreo e um pavimento superior. Logo mais foi transferida para um edifício com 7 andares na

---

<sup>5</sup> Correio Paulistano. São Paulo. 6 de julho de 1923, p. 5.

<sup>6</sup> Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Livro de Casamento da Paróquia de Cambuci, cota: 5-1-6, p. 29.

Rua Boa Vista, onde ocupava o térreo, os dois porões e três andares de sobreloja. Neste edifício funcionavam empresas ligadas a família Ramos de Azevedo e Dias de Castro, bem como o “Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo”. O próprio nome do edifício por si só é bem representativo, já que na fachada a tipografia grafada consta “Casa Ramos de Azevedo”, lugar simbólico e de escritórios que pertenciam à família.



*Fig. 2. Fachada do Edifício “Casa Ramos de Azevedo” situado à Rua Boa Vista, 138.  
Fonte: Carlos Moura, 2018.*

A Ernesto de Castro & Cia, atuou no mercado da construção civil por 60 anos. Na diretoria de obras é possível averiguar serviços prestados, como fornecimento de materiais para as diversas especificidades do trato urbano da cidade, tais como reformas em praças públicas, andaimes para edifícios em construção, insumos como tijolos, cimentos, madeiras e entre outros. Outro cliente dessa empresa que a conecta com os interesses da família Ramos de Azevedo, foi a Escola Politécnica de São Paulo, que solicitava os serviços da Ernesto de Castro & Cia. para a importação de materiais utilizados nos cursos oferecidos, assim como publicações sobre engenharia e arquitetura.

Dentre os materiais que esta loja importava (e também revendia de outros comerciantes e industriais), apresentamos a seguir um anúncio de jornal com uma breve listagem desses produtos:

Têm sempre em depósito:

Vigas de aço *americano* de 3 a 20 pollegadas – vergalhões de aço torcido de 8 a 12 mts e malha de aço para reforço de cimento armado – malha de ferro para tecto – aço molle em barras – aço oitavado e redondo para ferramentas – tubos de ferro galvanizado para água – chapas de ferro pretas e galvanizadas - cabos de aço flexível galvanizado e para elevadores – aquecedores francezes e

ingleses para gaz – artigos sanitarios de Twyfords e Standard [Inglaterra] – Ladrilhos de Marselha [França] – Azulejo de vidro e de louças – filtros francezes e nacionaes – ferragens em geral para construção - (*americanas*, francezas e allemãs – aparelhos para iluminação à electricidade – cimento das mais acreditadas fabricas *americanas* – telhas de vidro – telhas e tijolos da cerâmica “Villa Prudente” – cal virgem e extincta.<sup>7</sup>

Neste anúncio de jornal, pode ser percebida a variedade de produtos que esta casa importadora comercializava, desde produtos nacionais a materiais importados da França, Alemanha e Estados Unidos. Seus pontos de distribuição eram estratégicos, pois eram próximos à linha ferroviária, tais como a Estação da Luz com a *Serraria Azevedo e Miranda*, e a Estação do Norte (Brás) com seus Armazéns, na esquina da Rua André Leão com a Rua Ernesto Dias de Castro.

### **À frente do comércio**

Sua vinculação a Associação Comercial de São Paulo também pode ser compreendida como fator importante para o inserir em destaque no comércio da cidade.

Assumindo a presidência dessa associação em 1917, Ernesto Dias de Castro estava conciliando uma grave crise operacionalizada no cerne do comércio pela greve dos trabalhadores do mesmo ano.

Ainda que a documentação não revele a atuação dos trabalhadores das empresas vinculadas ao comércio, sobretudo na construção civil, entendemos também que a questão social dos trabalhadores é de suma importância para serem postas sob uma nova perspectiva do que se vem à mente quando a pergunta é: quem construiu a cidade de São Paulo?

### **Às vistas de quem?**

---

<sup>7</sup> Correio Paulistano. São Paulo. 20 de maio de 1920. *Grifo nosso*.



Ao nos debruçarmos sobre a história da urbanização de São Paulo, o nome de Ramos de Azevedo está mais alicerçado no imaginário da sociedade paulista do que qualquer outro engenheiro de seu tempo. Sua longa atividade na cidade, com um escritório de arquitetura que atuou ferozmente em projetos públicos e privados, contribui por vezes para tornar invisível aqueles outros que estiveram porventura escrevendo a história da urbanização de São Paulo por outros caminhos.

Ainda que hoje existam estudos de excelência sobre engenheiros e arquitetos da virada do século XIX para o XX, foi somente na década de 1980 que este tema foi trabalhado nas pesquisas de Carlos Lemos, já que o foco das pesquisas de seus contemporâneos era o estudo de engenheiros, arquitetos e urbanistas que estavam ligados à arquitetura moderna. Portanto, o eclético, conjunto de estilos que “marcou” a arquitetura do Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo foi posto de lado para dar evidência ao projetado no território nacional, isto é, na vanguarda do movimento moderno.

Com isso, os estudos levantados por Carlos Lemos evidenciam as estratégias e redes de sociabilidade de Ramos de Azevedo, desde sua atuação em Campinas, até chegar na capital paulista e começar um *império* da construção civil. Como diz em seu livro *Alvenaria Burguesa*:

[...] Ramos de Azevedo providenciou realmente empresas geridas por amigos e parentes destinados a subsidiar direta ou indiretamente seu grande escritório. Seria uma vasta estrutura de apoio. Os materiais de construção, por exemplo, eram importados exclusivamente pela firma de seu genro Ernesto de Castro, da qual foi diretor, situada no térreo do edifício de seu escritório à Rua Boa vista.<sup>8</sup>

Percebemos neste trecho, uma pequena menção a Ernesto Dias de Castro, mas o mérito aqui seria suprir toda a estrutura que estava por trás do escritório de arquitetura de Ramos de Azevedo, deixando de lado a atuação da Ernesto de Castro & Cia, sem ao menos evidenciar seu papel autônomo com outros clientes.

Na historiografia da urbanização da cidade de São Paulo, a figura de Ernesto Dias de Castro é compreendida por muitos, como um engenheiro que era comerciante, e

---

<sup>8</sup> LEMOS, Carlos. *Alvenaria Burguesa*, p. 113.

sobretudo, genro do ilustre Dr. Ramos de Azevedo. Os estudos vinculados a Ramos de Azevedo deixam de abordar outras associações sobre o processo de urbanização da cidade, ou até mesmo torna invisível o papel de outros agentes que ainda que conectados à rede de sociabilidade de Ramos, deixaram de ser notados. Silvia Fischer destaca o quanto a casa comercial Ernesto de Castro & Cia era importante para o processo de urbanização da cidade de São Paulo:

Ernesto Dias de Castro [...] tornou-se conhecido como o proprietário da maior importadora de materiais de construção da cidade, a Ernesto de Castro & Cia (Oliveira, 1986). Famosa também era a sua associação com seu sogro: “O Ernesto de Castro fez um negócio seguro: sendo genro do Ramos, abriu uma casa de material de construção. Tinha um cliente muito bom, o próprio sogro, que construía muitas coisas boas. Era a casa mais sortida de materiais de construção” (Prado, 1985, vol. 1, p. 50). (FISCHER, 2005, p. 230)

Percebemos aqui o quanto Ernesto de Dias de Castro, esteve atuante em outras frentes da construção civil para seguir com outros empreendimentos para a capital e outras cidades do Estado de São Paulo e do Brasil.

### **Considerações finais**

A *Ernesto de Castro & Cia*, pode ser posta como a alavancadora de outros empreendimentos dos quais Ernesto Dias de Castro esteve à frente. A atuação de Ernesto Dias de Castro na urbanização da cidade (e de outras) de São Paulo pode ser compreendida para além de sua associação com Ramos de Azevedo, pois ainda que “discreto”, suas contribuições são importantes para se obter outros aspectos vinculados a história urbana e da técnica. Seus múltiplos cargos e funções, evidenciam as práticas operacionais da época, em que o engenheiro se lançava nos diversos negócios ligados à construção civil.

A visibilidade de Ernesto Dias de Castro é clara em diversos pontos que permeiam a história da cidade de São Paulo e de outros lugares. Ainda assim, todo esse mecanismo que ele também protagonizou como capitalista é encontrado em outros setores que ainda permanecem na invisibilidade, os trabalhadores da construção civil, que estiveram à

frente de todos os seus negócios, seja no escritório da Ernesto de Castro & Cia, na Serraria, nos Armazéns ou aqueles que faziam a distribuição dos produtos pela cidade.

### **Referências Bibliográficas**

ARASAWA, Claudio Hiro. *Engenharia e Poder: construtores da nova ordem em São Paulo (1890-1940)*. São Paulo: Alameda, 2008.

BARBUY, Heloisa Maria S. *Cidade-Exposição: Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914*. São Paulo: Edusp, 2006.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.

FARIA, Rodrigo de; CERASOLI, Josianne; LIRA, Flaviana (Orgs.). *Urbanistas e urbanismo no Brasil: entre trajetórias e biografias*. São Paulo: Alameda, 2014.

FARIA, Rodrigo Santos de. *O urbanista e o Rio de Janeiro: José de Oliveira Reis, uma biografia profissional*. São Paulo: Alameda, 2013.

FICHER, Sylvia. *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 2005

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MEHRTENS, Cristina Peixoto. *Urban Space and National Identity in Early Twentieth Century São Paulo, Brazil: crafting Modernity*. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

SCHMIDT, B. B. Biografia e regimes de historicidade. *Métis* (UCS), Caxias do Sul, v. 2, n. 3, 2003.

\_\_\_\_\_. História e biografia. In: Ronaldo Vainfas e Ciro Flamarion Cardoso. (Org.). *Novos domínios da História*. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2011..

WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. *Revista Eletrônica da ANPHLAC* N. 14, Jan.-Jun. de 2013.